

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA NUCLEAR DA CLASSE TRABALHADORA NA CIDADE DO RECIFE ENTRE 1950 – 1952

Jefferson da Silva BEZERRA*

RESUMO

Partindo do problema de como as famílias exercem influência na representação dos papéis sociais dos indivíduos, buscou-se responder quais os valores sociais presentes na família nuclear da classe trabalhadora na cidade do Recife entre 50 e 52. Visou-se analisar a estruturação da divisão do trabalho entre homens e mulheres dentro da família, onde na classe trabalhadora se via a presença feminina cada vez mais acentuada, principalmente pela necessidade de um incremento na renda familiar, também foi objetivo dessa pesquisa interpretar como as relações familiares foram alteradas em consequência dessas mudanças. Para o desenvolvimento desta, foi feita uma pesquisa documental no Arquivo Público Jordão Emerenciano (APEJE), consultando-se publicações dos jornais Folha da Manhã e Diário da Tarde nos anos citados. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para uma valorização da história da família nos estudos da história.

Palavras-chave: Família Nuclear; Função Econômica; Recife;

INTRODUÇÃO

Sabendo da importância da atuação da instituição social da família dentro da sociedade, tanto por fazer seus membros desempenharem conjuntos de papéis socialmente definidos (PRADO, 1985: p. 53), como por ser uma tentativa de reprodução de si mesma, em relação aos seus valores, hábitos e costumes, ela se faz presente principalmente pela capacidade de mediar a relação entre o indivíduo e a sociedade. Foi a partir da década de 60 que a história da família passou a ocupar um lugar mais privilegiado nas pesquisas nacionais, tanto nos campos históricos como sociológicos e antropológicos. Dentro do campo histórico, que vivenciava uma transição historiográfica, se percebia a valorização da história cultural em detrimento da história econômico-social e de sujeitos que permaneceram excluídos do discurso histórico por um longo tempo.

O historiador francês *Philippe Ariès* forneceu uma grande contribuição para o estudo da história da família, obras como *História Social da Criança e da Família* e a coleção dirigida pelo mesmo, com o título de *História da Vida Privada*, dividida em cinco volumes (no presente trabalho foi utilizado o 5º volume), fornecem elementos de análise e abrem uma nova via de estudo sobre a temática. Esse mesmo autor é contemporâneo ao surgimento da terceira geração da Escola dos Annales¹, renunciou ao curso de história na Sorbonne, mas não renunciou ao estudo de história.

* Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Jeffersonbezerra95@yahoo.com

¹Movimento historiográfico surgido nas academias francesas durante a década de 20 do século XX que visava a ruptura com o modelo tradicional de história política que vinha sendo feito, valorizando a história social e a multiplicidade de fontes no estudo da história. Comumente conhecida por suas 4 gerações.

Ele buscou estudar, dentre outras coisas, a história da infância, desde a idade média à idade moderna (ARIÈS, 1981), utilizou-se de imagens para reconstruir visões acerca da família na idade média. Conclui que “a família era uma realidade mais moral e social do que sentimental” (ARIÈS, 1981: p. 198-199). Com essa afirmação é possível desnaturalizar a ideia do sentimento paterno ou materno, família como instituição imutável e constituição de um único modelo familiar. É possível perceber que a família medieval² assegurava a transmissão da vida, através da aculturação, dos bens e dos nomes (ARIÈS, 1981), entretanto não chegava a uma sentimentalidade coletiva. Em oposição a essa constituição familiar surge a família moderna, que “correspondeu a uma necessidade de intimidade e de identidade” (ARIÈS, 1981: p. 275-276).

Sobre essa família moderna, vemos nas famílias nucleares da classe trabalhadora na cidade do Recife em 1950, o que dizia Ariès (2009: p. 64) sobre a primeira metade do século XX francês “a família exercia um controle bastante rigoroso sobre seus membros”. Sobre esse controle será abordado posteriormente, quanto à definição da tipologia da família nuclear, vemos (MARCONI e PRESOTTO, 2011: p. 93) que:

A família nuclear é uma unidade formada por um homem, sua esposa e seus filhos, que, vivem juntos em uma união reconhecida pelos outros membros de sua sociedade (...) (...) ela constitui a base da estrutura social, onde se originam as relações primárias de parentesco (...) (...) a família nuclear encontra-se, em quase toda parte, como tipo dominante ou como componente de famílias extensas ou compostas. Do ponto de vista ocidental, com sua insistência sobre a monogamia, as unidades polígamas podem parecer estranhas ou imorais, mas o fato é que florescem amplamente.

Apesar dessa tipologia familiar também aparecer como forma dominante entre 1950 e 1952 no Recife, se observava as tipologias Extensa³, Composta⁴ e Fantasma⁵ de família. Entretanto, é a família nuclear que estabelece vínculos afetivos mais próximos entre seus membros, tanto pelo fato de geralmente ser composto por um menor número de indivíduos e ter uma maior participação na vida privada, como por permitir que fiquem mais claras e objetivas as delimitações de poder entre pais e filhos, não havendo intermediários nessa relação. Essa tipologia favorece um diálogo de proximidade.

Imerso as tipologias familiares acima, é possível observar as funções da família que operam na vida do indivíduo, dentre as funções básicas (MARCONI e PRESOTTO, 2011: p. 95) vemos, a Função Sexual ⁶, a Função Reprodutiva ⁷ e a Função Econômica, que será objeto de análise no presente artigo, sendo responsável pela manutenção financeira da família, onde exerce influência na composição dos papéis desempenhados pelos homens e mulheres dentro da família. Também em decorrência dessa causa temos como consequências as mudanças nas relações entre o homem e a mulher dentro e fora do ambiente familiar.

Essas relações sociais que eram travadas no Recife entre 1950 e 1952 eram consequências de “novos tempos”, tanto por causa da intensa industrialização, migração, densidade demográfica e urbanização pelo qual passava a cidade, como pelos anseios de parcela da sociedade urbana, que sentia a necessidade do divórcio, da liberalidade dos costumes e da abertura da vida sexual, como vemos no jornal (DIÁRIO DA TARDE, 1950, 24 de Fevereiro, p. 2) uma manchete intitulada “Excesso de Imoralidade”.

² Quando se utilizar essa nomenclatura entenda-se as famílias europeias medievais e anteriores ao século XV.

³ Unidade composta de duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laço consanguíneo.

⁴ Unidade composta por três ou mais cônjuges e seus filhos.

⁵ Família formada por uma mulher casada, seus filhos e o fantasma, que na maioria das vezes é desempenhado pelo irmão mais velho da mulher.

⁶ Produção de relações institucionais ou não, de vínculo moral-afetivo entre a mulher e o homem.

⁷ Produção de número de filhos dentro do seio família e dessa forma obtendo-se a legitimidade paterna.

Reclamam às famílias residentes na Rua da praia, além da pensão Rosa Maria, mais outra casa de tolerância está em funcionamento, cenas de nudez em plena luz do dia, necessária uma providência urgente da D.V.G.C (Delegacia de Vigilância Geral dos Costumes).

Entendendo esse excesso de imoralidade, de que chamava o jornal e as famílias determinadas práticas, se objetiva analisar nesse artigo quais os valores sociais presentes na família nuclear da classe trabalhadora⁸ na cidade do Recife entre 50 e 52, como estava estruturada a divisão do trabalho entre homens e mulheres dentro da família e por fim interpretar como as relações familiares foram alteradas em consequência dessas mudanças.

VALORES SOCIAIS DENTRO DA CIDADE E DA FAMÍLIA

Sabendo-se de que a cidade do Recife passava por um processo modernizador desde o início do século XX, fazendo com que as transformações no cotidiano da cidade afetassem a composição das famílias, o convívio entre os sexos se tornava ainda mais complexo (LUCENA, 2007), visto que os contatos cresciam rapidamente, agora nos espaços privados (casas) e nos espaços públicos (ruas), esse novo relacionamento com o espaço, por parte das mulheres, faz as mesmas representarem papéis diferentes dentro da família, que não apenas o de dona de casa.

As famílias nucleares são um modelo tipicamente burguês, que vê na área urbana um espaço de prosperidade, entretanto a cidade do Recife divide o território com uma grande quantidade de imigrantes que saem da área rural e vem tentar a sorte num espaço de intenso crescimento econômico. A década de 50 se encarrega de fazer a transferência da predominância da população rural para área urbana, segundo o IBGE em 1950 havia 44,5% na área rural essa taxa decaiu para 34,3% em 1960. Percebe-se que num curto período de dez anos houve uma diminuição de mais de 10 pontos percentuais da população residente em área rural, essas famílias muitas vezes em condição financeira precária, acabavam indo povoar os mocambos as margens do centro de Recife e ao redor de rios e quando ocorriam intensas chuvas viam-se prejudicados, como na publicação do jornal (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 17 de maio, p. 11) com a manchete “Medidas de Socorro as Vítimas da Enchente”.

Tentativa de minimizar as famílias vítimas das enchentes (...) (...) Wandenkolk Wanderlei criou um projeto que abria créditos de 300 mil cruzeiros para compra de casas (...) (...) Dentre as medidas: apelos ao serviço social contra o mocambo para que abrigue as famílias em casas na Vila do Engenho do Meio, a secretária de educação para que adote as mesmas medidas nas escolas, aos presidentes de associações desportivas. (...) Mobilizaram o apoio dos bombeiros, da polícia e de hospitais, além de ambulância da prefeitura. (...) Havia também a preocupação com os jogos da copa do mundo no Recife.

Sobre o “Serviço de Ação Social Contra o Mocambo”, vemos na *Folha da Manhã* em 25 de novembro que o governador *Barbosa Lima Sobrinho* oferece amplo apoio as famílias da classe trabalhadora que estavam tendo problemas com habitação.

Haverá a Construção de 104 casas no segundo grupo residencial Vila Cruz Cabugá, o terceiro vai inaugurar com 60 casas, também será feito 100 casas para vítimas das enchentes no sítio dois unidos. E está em projeto a construção de mais 100 casas em Beberibe. Há estudos para a construção de 128 casas de alvenaria no engenho do meio (p. 5).

⁸Por esse termo deve-se entender as seguintes profissões: comerciários, motoristas, ferroviários, bancários, portuários, servidores autárquicos, empregadas domésticas, funcionários públicos de pequeno escalão e adjacências.

Além dos problemas ligados a política de limpeza urbana promovida pelo governador e dos problemas de habitação das famílias nucleares, havia o problema da manutenção da família nuclear após o falecimento da figura masculina, como no caso do motorista *Abdisio Benedito Texeira*, que após ser atropelado no primeiro dia de janeiro de 1950, no bairro da Madalena, deixa sua esposa e seus cinco filhos medigando na rua. (FOLHA DA MANHÃ, 4 de janeiro, 1950: p.4).

Casos como esse não são mais esporádicos do que comuns nessa tipologia familiar, vemos também o exemplo da viúva *Maria Rita Cavalcanti de Oliveira* que buscava receber a pensão de Manuel Soares de Oliveira, que foi funcionário do grande hotel, porém esbarrava na burocracia que exigia as certidões de óbito da filha do casal, e das outras duas esposas do falecido, criou-se um impasse porque essas certidões foram extraviadas na revolução de 1930 (DIÁRIO DA TARDE, 1950, 20 de janeiro, p. 3).

Dentre os valores que estavam presentes nas famílias nucleares da classe trabalhadora, podemos destacar três quanto aos exemplos acima mencionados: a impotência financeira, a esperança de um lugar melhor e a insegurança familiar perante a morte. Entretanto, dentro da classe trabalhadora, não havia uma homogeneização quanto a situação financeira para manutenção desta. O radialista Nelson Ferreira (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 21 de maio, p. 9) aparece em uma fotografia com sua esposa e seu filho, ambos residentes no Recife e aparentam viver em situação financeira confortável, nesse exemplo o homem aparentava desempenhar o papel de único provedor da família, da mesma maneira o locutor *Alcides Teixeira*, conhecido por ser “o locutor da vozozinha”, que aparece em fotografia com sua esposa, Nilza Texeira e seus três filhos. (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 7 de maio, p. 4).

Sabendo-se que a família filtra aquilo que é pré-selecionado para formar uma visão de um modelo de conduta, observa-se que determinadas práticas são direcionadas ao sexo masculino (trabalho, conquista amorosa, provimento da família) e outras ao feminino (cuidar da casa, educar os filhos, ser submissa ao marido), principalmente por parte da mídia impressa, como nas publicações do jornal *Folha da Manhã*, em sua página intitulada “Página Feminina”. Essa mesma página reproduzia um modelo de feminilidade que apesar de tocar e influenciar as mulheres da classe trabalhadora, em primeiro plano visava a classe média e para tal fazia uso de modas, comportamentos, valores e estatísticas de uma realidade norte-americana, quando não francesa. Vemos (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 9 de julho, p. 3) dicas para o embelezamento das pernas, sobre a importância da posição do corpo feminino, sobre como esconder os defeitos corporais através de roupas e como tratar os pés. Quando não se direcionavam para as questões estéticas femininas associavam a mulher a criação dos filhos, a produtos para cuidar da casa ou como arranjar um bom casamento. A esse respeito vemos na publicação (FOLHA DA MANHÃ, 1952, 24 de setembro, p. 3) como as mulheres deveriam adaptar-se ao programa do bebê e como detectar quando sua felicidade está em perigo. Também observamos (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 15 de Setembro, p. 3) que são exibidos questionários acerca do casamento da mulher, para tal utilizou-se nessa edição de 20 perguntas a recém-casadas norte-americanas e através de uma pontuação se estabelecia se o casamento está indo bem e se continuará assim. Ao final afirma-se que a condição ideal é que as 10 primeiras perguntas sejam respondidas com “sim” e as 10 últimas com “não”.

(...) Os primeiros anos de casada são os mais fáceis e devem ser vividos de forma aproveitável para constituir uma base segura para felicidade conjugal. (...)
1º você costuma almoçar com seu marido? 2º As refeições estão sempre prontas na hora certa? 3º Ele gosta de passar em casa suas horas de folga? 4º Você pode fazer um bolo, torta se necessário? 5º Você tem em casa pelo menos duas boas lâmpadas para leitura? 6º Você pode preparar bebidas ou outra coisa para hóspedes repentinos? 7º Vocês podem se divertir juntos? 8º Você procura conservar suas (dele) relações? 9º Você é pontual nos seus compromissos financeiros? 10º O seu marido costuma encontrar os amigos fora de casa? 11º

Ele poderia voltar para casa com maior pontualidade? 12º Ele critica sua comida? 13º Ele reclama que dorme pouco? 14º Fica irritado quando você faz perguntas? 15º Ele se recusa a ajuda-la quando é preciso? 16º Ele se desinteressa pelos seus amigos? 17º Prefere ele comer fora de casa? 18º Ele aborrece você com as suas preocupações financeiras? 19º As pequenas coisas domésticas o aborrecem? 20º ele se preocupa com elas? (...)

Essa “Página Feminina” do jornal *Folha da Manhã* representa não em sua totalidade, mas parcialmente um quantitativo do tipo de público masculino e feminino que consumia esse jornal, pois (KARNAL e TATSCH, 2012: p. 18) “O papel aguenta qualquer ideia, sofre calado qualquer discussão e jamais se rebela contra a pena do autor, contra os dedos do digitador ou contra a tinta rápida da impressora”. Ou seja, a circulação desse tipo de pagina, com sua finalidade específica, evidência que no mínimo setores da sociedade concordavam com o que estava inscrito.

O direcionamento do jornal a classe trabalhadora em questão também pode ser atestado pelo preço bastante popular do mesmo, 16 paginas por 80 centavos (FOLHA DA MANHÃ, 1951, 15 de Novembro, p. 16).

Voltando a situação da família nuclear da classe trabalhadora, que se demonstrou que era bastante heterogênea, percebemos que com a mudança do modelo de conduta familiar se mudará as práticas sociais dos seus integrantes, pois é imensurável o controle social que essa exerce sobre seus membros, seja na determinância da moralidade, nas escolhas individuais e no processo de socialização. Mudando-se as práticas sociais das famílias se muda as relações que se estabelecem dentro do espaço da cidade, evitando a simplória relação de causa e consequência dessas mudanças, é possível enxergar que em 1950 no Recife as famílias nucleares⁹, pronunciavam discursos moralistas contra a prática crescente de aumento de casas de diversão, não querendo que jovens se misturem no mesmo ambiente com essas mulheres chamadas de “perdidas” e para isso faziam uso da Delegacia de Vigilância e Costumes, como nos casos da publicação com a manchete “Abuso” que retratava o perigo de mulheres de vida fácil se misturarem com mocinhas em um grêmio familiar que virou gafeira. (DIÁRIO DA TARDE, 1950, 16 fevereiro, p. 2) E na casa de diversão de Marta de Holanda na rua Lima, 280, onde os moradores da localidade chamaram a Rádio Patrulha, serviço da polícia militar, que lá chegando cede aos encantos da cafetina que aparenta já conhecê-los. (DIÁRIO DA TARDE, 1950, 7 de março, p. 2) O próprio ambiente de discurso moralizante produzido pelas famílias se contrapõe a intensa corrupção na atuação da polícia, que seguia uma ética destoante da sua finalidade, inúmeras vezes batiam nas famílias da classe trabalhadora para depois perguntar o porquê de alguma coisa.

Apesar de estar em processo à liberalidade dos novos tempos pós-guerra no Recife, onde as mulheres ocupam espaços no mercado de trabalho, nos mais diversos setores, se vê por parte dessas, contestações quanto à educação de seus filhos, pois é dever da família ou da escola tratar de questões relativas aos valores individuais? Dessa maneira se travava um choque entre o papel da escola e o da família, que por muito tempo desempenhou o papel da primeira. Repensando entre 1950 e 52 sobre os limites dos pais acerca da educação dos filhos e da diferenciação entre liberdade e escolha, se percebe que determinados valores não estavam tão solidificados e que existia uma serie de dúvidas quanto a vida em sociedade, o que não quer dizer que inexistia formas mais apreciadas de conduta, a depender dos setores sociais.

Havia em parte da sociedade valores mais conservadores, como o exemplo da doméstica *Maria de Lurdes*, residente no Recife, que após cometer infanticídio com sua filha, jogando-a no vaso sanitário e posteriormente asfixiá-la através de jornais, procurava ocultar sua situação de mãe solteira. (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 30 de novembro, p. 12) Essa atitude pode ser percebida não como uma massificação valorativa, nem muito menos um caso isolado, contudo

⁹ Representavam a maior parcela entre as tipologias de família, por se enquadrar dentro de um espaço urbano-industrial que vivenciava a cidade.

reflete valores tradicionais que estavam bem vivos dentro da memória coletiva popular, a imagem da mãe solteira como mulher sem valor social ou como mulher perdida.

Em decorrência de migrações por parte de várias famílias nucleares em direção ao Recife, foram trazidos da área rural valores de habitação do espaço, de forma bastante espalhada, criação de animais nas ruas e relação entre homem e mulher dentro de uma hierarquia de poder mais rígida. Sem dúvida esse modo de enxergar o espaço, produziu alguns problemas, tais como: construção de casas em áreas de risco, que acelerou ou provocou deslizamentos, inúmeros casos de atropelamentos, por conta da população que andava distraída pelas ruas, em consequência dos motoristas que eram mal preparados e também dos animais que eram criados ao redor de estradas.

A cidade do Recife também ficou mais violenta, homicídios através de peixeiras eram vistos em várias edições do jornal *Folha da Manhã*, assim como a violência praticada em relação à mulher, dentro dessa tipologia familiar. Quantos maridos traídos em nome de sua honra assassinaram sua esposa a golpes de peixerada ou até de rifles, como no caso de *Tomé do Rego Cavalcanti*, de quem se suspeitava ter assassinado a esposa, *Maria Auxiliadora Campelo Cavalcanti*, que foi morta com um tiro de rifle nas costas, na área do coração (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 17 de novembro, p. 13).

Populares afirmam que, o casal que tinha dois filhos pequenos viviam bem, iam para cinema, festas e entretenimentos e era harmonioso. Tomé do Rego Cavalcanti, marido, afirma que sua esposa se suicidou, ele havia contratado um homem Cleto Campelo (amigo) para seguir a sua esposa, ela parecia irritada com isso, eles discutiram, no meio da noite ela acordou para pedir desculpas e ele disse para ela fazer isso com quem ela havia difamado (Cleto Campelo). Momentos depois ela se matou. (versão do marido) (...) (...) ele ficou preso alguma horas e depois foi solto pelo advogado, que pediu um *habeas corpus*.

DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE MULHERES E HOMENS

A população do Recife segundo o censo demográfico de 1950 era de 522 466 pessoas, a cidade obteve um crescimento populacional de 5,5% nos últimos dez anos e tinha se tornado a terceira cidade mais populosa do país, atrás apenas do Rio de Janeiro e São Paulo, com respectivamente 2403 e 2213 milhões de habitantes. (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 21 de dezembro, p. 3) Do total da população residente no Recife, pouco mais da metade era formada por mulheres e dentre os que sabiam ler e escrever, mais da metade era do sexo feminino, 130.047 homens e 139.992 mulheres, contudo o analfabetismo era maior entre as mulheres, 105.026 mulheres e 73.470 homens. Se nos estudos primários havia uma diferença relativa entre as mulheres e os homens esta diferença se acentuava quanto ao ensino superior, 3390 homens com o ensino superior concluído, contra 319 mulheres. (ABREU E LIMA, 2007: p. 2)

Durante a década de 50 haverá no Recife, não diferente do país, um crescimento demográfico bastante significativo, pois nesse período histórico as taxas de mortalidade decaíam em consequência dos maiores investimentos em equipamentos urbanos e as taxas de natalidade continuavam altas, fazendo com que a população do Recife chegasse a 1960 com 797 mil habitantes.

Apesar de haver uma explosão demográfica pelo país durante a década de 50, houve no Recife, também o início de um processo que culminaria em décadas posteriores numa redução da natalidade, a dizer: a entrada da mulher no mercado de trabalho, o menor número de filhos e a maior¹⁰ participação feminina na sociedade. Nas famílias nucleares da classe trabalhadora, onde

¹⁰ Não se entenda participação plena da mulher na sociedade, pois sua garantia aos direitos civis era recente, promulgada na constituição de 1932.

existia a presença dos filhos, se via a mulher de forma cada vez mais acentuada nas ruas trabalhando, principalmente pela necessidade de um incremento na renda familiar e até regendo a família quando seus maridos eram falecidos, desempregados ou não ganhavam o suficiente para manutenção da mesma. Elas apareciam em trabalhos ligados ao setor secundário da cidade, na produção de bolsas, casacos e luvas em atividades de Tricô, Crochê e Tecelagem, como tinha na manchete “para a mulher e o lar” (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 23 novembro, p. 12), falando sobre um curso profissionalizante sobre técnicas de confecção de produtos. As mulheres também aparecem, dentre outros, ocupando trabalhos nas repartições públicas, nos bancos e nas estações telefônicas, se pode perceber um tom meio conservador quanto as novas práticas sociais femininas por parte de setores da imprensa, a exemplo (FOLHA DA MANHÃ, 1951, 9 de janeiro, p. 13), onde dizia que “as mulheres antigamente eram tímidas, desconfiadas e arredias, agora estão diferentes, topam tudo todo tempo”. Esses comentários em 50 são frequentes por parte dos homens que veem a nova postura da mulher como uma ameaça, tanto a moral familiar da sociedade, quanto ao campo profissional.

Em um ambiente de constantes encontros entre a liberalidade feminina e o conservadorismo masculino, também presente em perfil de mulheres que seguiam a risca o que ditava os manuais de comportamento feminino, estava sendo discutida “os direitos da mulher casada”, com a manchete com o mesmo título, podemos ver (FOLHA DA MANHÃ, 1951, 14 de janeiro, p. 1).

O projeto em estudos, na comissão de finanças da câmara federal – substitutivo apresentado pelo Sr. Plínio Barreto. Tentativa de reduzir os casos de incapacidade da mulher casada e também uma regulação para o destino dos filhos em caso de desquite. Plínio afirma que alienar direitos reais sobre imóveis de outrem, aceitar tutela, curatela ou mandato não se compadecem com o regime de igualdade civil que se quer estabelecer entre a mulher casada e o marido. Assim a mulher não poderá praticar atos sem a autorização do marido quando o marido não poder praticar atos sem a autorização da esposa. Plínio apresentou substitutivo que revoga a capacidade da mulher casada no artigo 242 e parágrafos do código civil. Entretanto o marido ainda poderá se opor judicialmente a escolha da profissão da mulher quando esta for incompatível com a vida em comum. O projeto foi mandado para publicação. (...) Afirma ainda o projeto que na falta de convenção quanto ao regime de bens vigorará o regime parcial.

Iniciativas como essas marcavam efetivamente o caminho da mulher nos espaços públicos e privados, para se perceber como as mulheres adentravam nos espaços públicos, vemos (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 27 de outubro, p. 9) a manchete intitulada “as mulheres no futebol”, onde através de uma crônica se defendia a gratuidade feminina aos campos de futebol, afirmando que essa medida diminuiria a violência entre os jogadores, que ficariam constrangidos em consequência da presença feminina. Nesse caso, mesmo utilizando-se de um imaginário de mulher para inibir o problema da violência nas partidas de futebol, observa-se que já se difunde a amplitude da participação da mulher na sociedade, e não se limitava a esse tipo de participação no decorrer da década de 50, vemos que (ABREU E LIMA, 2007) na década de 50 no Recife existiam associações femininas que reivindicam melhores salários, contra o desemprego, contra a intensificação do ritmo de trabalho, pelo salário igual e pela possibilidade de qualificação.

O homem dentro dessa tipologia familiar, ainda desempenhava a dominância dentro dos espaços privados do lar, seja pela condição financeira, ou seja, pelas outras instituições da sociedade que lhe autorgavam tal direito, a exemplo (CANEZIN, 2004) das igrejas que reforçavam a sujeição da mulher para o homem, utilizando para tal a própria Bíblia, onde no livro de Genesis afirma a supremacia masculina perante a mulher.

Entre 50 e 52 era crescente a presença feminina nas rádios e no cinema, se podia ver nas publicações de jornais como Diário da Tarde e Folha da Manhã várias imagens de cantoras

brasileiras, como *Emilinha Borba*, *Neide Maria* e *Rosila Meireles* e também vários filmes norteamericano protagonizado por mulheres, a exemplo: “*formosa bandida*” “*lagrimas de mulher*” e “*uma mulher contra o mundo*”. Apesar desses filmes estarem importando uma realidade estrangeira, mostram que nos principais países do mundo, EUA, que representava o capitalismo dentro da guerra fria, as mulheres eram protagonistas de ações sociais de grandes alcances, mesmo que com teor ficcional.

Mas nem todos os setores da mídia impressa Recifense e da sociedade viam com bons olhos essa mudança de comportamento feminina, pois se antes os homens eram soberanos na vida pública e detinha o poder incontestável na relação conjugal, isso vinha mudando. Os homens ainda permaneciam maioria em quase todos os setores do trabalho dentro da classe trabalhadora no Recife entre 50 e 55, sejam atuando no comércio, nos transportes ferroviários, portuários, como bancários e funcionários públicos de pequeno escalão. As profissões convencionadas como masculinas ainda permaneceram sob o domínio do homem, apesar de em algumas áreas já se admitir a superioridade feminina, como na condução de veículos (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 8 de outubro, p. 3), onde se dizia que as mulheres casadas e com filhos tinham mais responsabilidade no ato de dirigir.

Voltando a alguns setores da mídia impressa (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 4 de agosto, p. 12) se observa a manchete com o título “o senso moral da criança” escrita pelo advogado *Silvino Lira*, a quem comumente se pronunciava a respeito dos valores e das mudanças na família, “uma crise moral afeta a infância os adultos e a família (...) a ausência do pai e da mãe para ir ao trabalho e as desastrosas condições econômicas deram uma alma de lobo ao homem”.

MUDANÇAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Inúmeras foram às mudanças dentro da instituição da família no Recife durante a década de 50, pois a forma de conciliar família e trabalho, entre homens e mulheres, afeta a satisfação no casamento e a satisfação no trabalho (ROSADO e et al, 2008), sobre isso falava a cantora norteamericana *Ludmila*, que já foi casada e afirma que (FOLHA DA MANHÃ, 1951, 28 de janeiro, p. 3).

O período mais difícil do casamento é o período de ajustamento que deve levar entorno de 6 a 12 meses, para que só então se alcance a felicidade matrimonial, ela também diz que a mulher casada não tem mimos e divertimentos que esperava e que é difícil a situação de casada, pois os homens esperam muitas coisas da esposa. (...) Para prosseguir no casamento a mulher tem que ceder em muitos pontos, não necessariamente perder a personalidade, afirma *Ludmila*.

A afirmação de uma mulher que já vivenciou a experiência de estar casada, talvez ajude a compreender como a sociedade, as instituições sociais e a própria família cobrava em relação a esta, mesmo sendo numa realidade sócio-espacial diversa. Geralmente dentro da família nuclear no Recife a mulher desempenhava as tarefas domésticas, tais como limpeza do lar, providenciava a alimentação da família e lavava as roupas e as mantinha limpas. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, quem fazia tais atividades, pois se a mulher estava indo trabalhar para complementar ou até sustentar a família, dificilmente poderia pagar uma empregada.

Pensando anacronicamente chegaríamos a conclusão de que os homens ajudariam na manutenção dessas atividades domésticas, pois era família o mais importante, entretanto não era o comumente ocorrido porque várias tarefas domésticas não são assumidas pelos homens, seja pela construção da masculinidade em 50 no Recife, seja pelo desprestígio com que eram vistas essas tarefas.

As mulheres da tipologia da família nuclear, também acompanhavam o ritmo cotidiano das mudanças na casa, sabiam dos compromissos individuais dos integrantes da família, muitas vezes levavam os filhos a escola e sabiam administrar o tempo em cada atividade, após iniciarem o trabalho a dedicação a essas tarefas ficou parcial, pois muitas vezes elas cumpriam uma jornada

de trabalho exaustiva e depois ao chegar do trabalho tinham que ser mães e esposas, pois os maridos esperavam o cumprimento do papel de mulher no casamento.

A própria atividade doméstica e as rotinas do trabalho variavam dentro da família nuclear, pois se a família conseguia viver de maneira satisfatória e a participação da mulher no trabalho apenas acrescentava uma renda que não era necessário tanta ausência do lar, como no caso das lavadeiras, domésticas e costureiras as mudanças não seriam tão sentidas, contudo de uma maneira geral pode-se dizer que a entrada da mulher no mercado de trabalho proporcionou a diminuição do número de filhos dentro da família, que por consequência foi gerando uma diminuição da tipologia de família nuclear, transformando-a numa família díade nuclear, como vemos amplamente difundido em cidades urbanas nos anos 2000.

Outra questão importante na participação das mulheres casadas da classe trabalhadora em empregos e das mudanças impulsionadas por esta, na nova dinâmica, se referem às consequências do poder financeiro feminino, se antes elas ficavam em casa reféns dos salários dos maridos para comprar algo ou sair de casa, agora além de estarem num intenso contato tanto entre as mulheres quanto entre outros homens que não seus maridos, elas ganham uma maior notoriedade nas decisões que devem ser tomadas em relação ao lar, como o que comprar, como as crianças devem ser educadas e que não precisam concordar com seus maridos em tudo.

Essa construção da autonomia conjugal feminina não é um processo que ocorre de um dia para o outro, vai se arrastando durante a década de 50, fornece mudanças nas relações familiares, entretanto tem seu auge durante a década de 80, com as contestações do movimento feminista. Uma das consequências dessas mudanças são as críticas sociais a família, como na publicação com a manchete “adolescência mal cuidada”, que afirma que “os pais devem mostrar o verdadeiro caminho a seguir e não soltar inteiramente os filhos” (FOLHA DA MANHÃ, 1950, 1 de outubro, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Roma antiga a palavra *Famulus*, de onde provém nossa ideia mais remota de família, representava um conjunto de escravos pertencentes a um mesmo dono (ENGELS, 1984: p. 30), na idade média ocidental ela é caracterizada pela ausência de sentimentalidade, no século XVII, onde já está difundida a família moderna, se vê (ARIËS, 1981: p. 263) que “os deveres de um bom pai de família se resumem a três pontos principais: o primeiro consiste em aprender a controlar sua mulher. O segundo em bem educar seus filhos, e o terceiro em bem governar seus criados”. Na década de 50 do século XX no Recife o segundo ponto estava sendo colocado em cheque tanto pela necessidade de trabalho por parte feminina, pelas mudanças de valores nos espaços e nas instituições e pela autonomia feminina que estava sendo construída perante o homem.

Entendendo que “em cada sociedade, a situação específica e o papel do homem e da mulher tendem a ser definidos e impostos pelas definições religiosas, provérbios populares e outros recursos explícitos” (KEESING, 1961: p. 392), percebemos o quanto são dinâmicas as relações sociais que formam os indivíduos e as instituições que por consequência constroem a sociedade na qual esses valores estão assentados.

Atualmente se percebe nos discursos históricos como é de relevada importância um estudo aprofundado sobre as relações de poder dentro do ambiente familiar, pois quantas grandes mudanças na sociedade ocorreram por decisões tomadas dentro dessa instituição e como ela tem a capacidade de em todas as sociedades estar presente como um importante mecanismo de funcionamento social.

A importância da função econômica da família nuclear no Recife se justifica pela intensa atuação desta nos novos espaços urbanos na década de 50, tanto pelos valores sociais recebidos e produzidos nessa relação, como também pelas novas maneiras de manter a família, seja protegendo-a através de um discurso machista – conservador, seja através da mudança do papel feminino dentro desta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Pela efetivação dos direitos das mulheres: associações femininas no Recife nos anos 50**. Esboços – Revista Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 14, nº 17, 2007.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL 1952**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 13, 1953.
- ARIÈS, P.; DUBY, G. **História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias**. V. 5. São Paulo. Companhia das Letras, 2009. p. 53 – 281.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981. p. 195 – 272.
- ARIÈS, Philippe. **Texto sobre o Casamento e a família**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Editora Campus, 1981. p. 40 – 52.
- BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. p. 71 – 210.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia / tradução Nilo Odalia**. – 2. Ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CARVALHO, I.M.M. de.; ALMEIDA, P.H. **Família e Proteção Social**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação Seade, v. 17, n. 2, abr./jun. 2003.
- CANEZIN, Claudete Carvalho. **A mulher e o casamento: da submissão à emancipação**. Revista Jurídica Cesumar, Mestrado, Maringá, v. 4, 2004.
- COUTO, M. T. **Estudos de famílias populares urbanas e a articulação de gênero**. Revista Antropológicas, Recife, v. 16, n. 1, pp. 197- 216, 2005.
- Diário da Tarde, 24/fev./1950, p. 2
- Diário da Tarde, 16/fev./1950, p. 2
- Diário da Tarde, 07/mar./1950, p. 2
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Trad. José Silveira Paes. 3 ed. São Paulo: Global, 1984.
- Folha da Manhã. 30/nov./1950, p. 12
- Folha da Manhã, 17/nov./1950, p. 13
- Folha da Manhã, 21/dez./1950, p. 3
- Folha da Manhã, 23/nov./1950, p. 12
- Folha da Manhã, 4/jan./1950, p. 13
- Folha da Manhã, 10 /abril./1950, p. 4
- Folha da Manhã, 14/jan./1951, p. 1
- Folha da Manhã, 27/out./1950, p. 9
- Folha da Manhã, 8/out./1950, p.3
- Folha da Manhã, 4/ago./1950, p. 12
- Folha da Manhã, 28/jan../1951, p.3
- Folha da Manhã. 01/out./1950, p. 3

Folha da Manhã, 17/mai./1950, p. 11

Folha da Manhã, 17/mai./1950, p. 11

Folha da Manhã, 4/jan./1950, p. 4

Folha da Manhã, 21 /maio./1950, p. 9

Folha da Manhã, 07/mai./1950, p. 4

Folha da Manhã, 09/jul./1950, p.3

Folha da Manhã, 24/set./1952, p. 3

Folha da Manhã, 15/set../1950, p.3

Folha da Manhã, 15/nov../1951, p.16

GOLDANI, A. M. **As famílias no Brasil Contemporâneo e o mito da desestruturação.** 1993.

GOLDANI, A. M. **Retratos de família em tempos de crise.** Revista Estudos Feministas. 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO DE ESTATÍSTICAS - IBGE, **Censo Demográfico de 1950.** Rio de Janeiro, 1952.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. **A memória evanescente.** In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. O historiador e suas fontes. 1 Ed. – São Paulo: Contexto, 2012. p. 9 – 27.

KEESING, Felix M. **Antropologia cultural: a ciência dos costumes.** Rio de Janeiro. Fundo de cultura, 1961. Capítulo 10.

LEGNANI, Viviane Neves; SANTOS, Altair José dos; et al. **Família nuclear: um ideário de proteção contra a violência.** 2011.

LUCENA, Juliana R. de Lima. **Do lar ao largo: Os reflexos da modernidade na constituição de espaços públicos para mulheres no Recife da década de 50.** 2007.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NEDER, Gizlene e CERQUEIRA, Gisálio. **Família, Poder e Controle Social: concepções sobre a família no Brasil na passagem à modernidade.** In: Ideias Jurídicas e Autoridade na Família. Rio de Janeiro: Revan. 2007.

OLIVEIRA, INALDA D. & DIAS, CRISTINA M. de S. B. **Família pós-moderna, construção de subjetividade e escolha profissional.** In: SOARES, DULCE H. P. (ed.) Anais do IV Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional: I encontro de orientadores profissionais do mercosul. São Paulo: Vetor, 2001.

PONTUAL, Virginia. **Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas.** In espaços da política, Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH / Humanitas publicações, Vol. 21, nº 42, 2001.

PRADO, Danda. **O que é família.** 2º Ed. São Paulo, Brasiliense 1985.

ROSADO, Ana Paula Nery e Et al. **A questão do casamento e do divórcio analisados sob a ótica da inserção da mulher no mercado de trabalho.** 2008.

SALIBA, Thomé Elias. **Aventuras modernas e desventuras pós-modernas.** In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. O historiador e suas fontes. 1 Ed. – São Paulo: Contexto, 2012. p. 309 – 328.

SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO, **sinopse preliminar do censo demográfico**, março de 1951, Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Modernidade, modernização, relações sociais, cultura e sociabilidades no Recife dos anos 1950**. In CLIO: Revista de Pesquisa Histórica. n. 21, 2003. p. 9 – 32.

TERUYA, Marisa Tayra. **A Família na Historiografia Brasileira. Bases e Perspectivas Teóricas**. In: Anais do XII Encontro nacional de estudos populacionais, CAXAMBU (MG), Belo Horizonte: ABEP, 2000.